

## **BIOSSEGURANÇA: PREVENÇÃO DE DOENÇAS NA AVICULTURA INDUSTRIAL**

BENTO, Marco Antonio Furlanetto

BRONZATO, Andresa

LAMONICA, Bruno Carvalho

SOUZA JUNIOR, Saulo

Discentes da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça - FAMED

PICCININ Adriana

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED

### **INTRODUÇÃO**

A biossegurança é um conjunto de medidas profiláticas capaz de manter a integridade saudável do indivíduo. O termo é abrangente e recodifica diferentes medidas de caráter sanitário que, se adotadas integralmente, seriam teoricamente capazes de garantir o bom estado sanitário do plantel evitando as enfermidades avícolas. Na prática, entretanto, nem sempre é possível adotar todas as rigorosas medidas de sanidade compreendidas pela biossegurança, seja por impossibilidade econômica do produtor, seja por eventual desconhecimento técnico, ou seja, mais simplesmente, por mera falta de decisão (NETO et al., 2001).

### **CONTEÚDO**

O princípio básico da biossegurança na avicultura é o isolamento da ave e, por extensão, do próprio plantel, o que pode ser obtido por meio da adoção de algumas medidas de caráter geral e outras específicas. Entre as medidas gerais de biossegurança poderíamos citar como planejamento a seleção e escolha das terras onde a granja vai ser implantada (visando guardar distâncias e garantir o necessário isolamento, bem como insolação e regime de ventos); a instalação da infra-estrutura primária que vai garantir a subsistência da granja num dado local escolhido (suprimento de água pura em quantidade necessária; o fornecimento de energia elétrica, criação de um sistema de coleta e destinação de dejetos e água servidas; desraticidação e barreiras física que impessam a entrada de roedores e outros animais; a construção das instalações destinadas a alojar as aves e as demais de suporte como depósitos, do pessoal, administrativos, vestuários, rodolúvios, lavanderia, silos, incubatórios, abatedouros, sistemas veiculares, etc) (WOERNLE, 1996).

Outras medidas não menos importantes dentro do conceito de biossegurança, são de caráter operacional e até mesmo individualizadas, segundo o tipo de granja a que estão voltadas (produção de ovos ou de carne, matrizeiras, avozeiras ou mesmo bisavoseiras). Entre elas o treinamento e cursos de reciclagem do pessoal operacional; implantação de sistemas rígidos

de alojamento e desalojamento das aves, desinfecção das instalações; limpeza, higiene e desinfecção de utensílios e outros materiais; estudo e pronta disponibilidade de planos de ação emergencial, no mínimo para situações previsíveis e/ou mais comuns no segmento explorado; exames sorológicos periódicos do plantel para monitoria do estado de sanidade, exames bacteriológicos periódicos (coleta e semeadura) etc (NETO et al., 2001).

Na verdade, a biossegurança apenas codifica tecnicamente uma série de medidas de higiene de amplo conhecimento e prática na avicultura brasileira e mundial. Entre essas medidas (uso dos banhos do pessoal operacional e dos visitantes, lavagem e higienização dos veículos, escolha e busca ou produção do material utilizado como cama das aves, existência de programas profiláticos), há algumas ainda discutíveis e outras que podem passar falsa impressão de segurança total (NETO et al., 2001).

Na avicultura, mesmo nas granjas mais tecnificadas, um dos problemas sanitários mais temidos é, sem dúvida, o surgimento de uma salmonelose no plantel, seja pela infecção via *Salmonella gallinarum* ou *S.pullorum* ou *S.tiphymurium*, seja pela temida *Salmonella enteritidis*, devido aos enormes riscos de sua transmissão via carne e, principalmente via ovo, aos seres humanos (BERCHIERI, 2000).

A proteção contra a entrada de novos sorotipos na pirâmide de produção tem que ser a maior possível. Na prática, se reconhece que o grau de proteção será melhor nas camadas superiores da pirâmide. A biossegurança também pode converter uma granja já contaminada numa granja limpa. Ao retirar o lote e terminar o programa de higiene, o interior dos galpões normalmente possui uma contaminação menor, enquanto ainda persiste considerável contaminação ao redor dos galpões. É necessário estabelecer barreiras sanitárias entre as áreas sujas e áreas limpas. A natureza das barreiras tem que levar conta o tipo de instalação, o manejo das aves e as maneiras pelas quais os patógenos podem ser novamente introduzidos no galpão. Roedores, insetos e aves selvagens devem ser considerados (NETO et al., 2005).

Medidas de descontaminação do alimento (ração) devem ser feitas tanto no momento da produção como no manuseio deste na granja. Tratamentos de calor e o uso de acidificantes tem sido relatados para esta finalidade (WOERNLE, 1996).

Opções imunológicas são utilizadas. Dados experimentais sugerem que vacinas por mais de algumas semanas, e não devem ser utilizadas como única medida de controle para *Salmonellas* spp. DAVIS e BRESSLIN (2001), concluíram que em nenhum grupo tratado exclusivamente com vacina inativada de *Salmonella Enteritidis* a bactéria havia sido erradicada, e que melhores resultados sanitários foram obtidos nos grupos tratados com exclusão competitiva.

## **CONCLUSÃO**

A biossegurança é um dos fatores vitais para o bom desempenho da avicultura industrial. Um planejamento, controle de roedores, remoção da cama, destino adequado para dejetos, sistema de água livre de patógenos, lavagem constante de equipamentos, desinfecção dos galpões e revisão de raticidas nas granjas são medidas importantes para ajudar a manter o plantel saudável e ao sucesso da granja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHIERI, A.J. Salmoneloses Aviarias In: BERCHIERI,A.J: MACARI,M. **Doença das aves**, Campinas: Facta, 2000, p. 185-195.

DAVIS, M; BRESSLIN,V.A. **Salmonella enteritidis infection in broiles and broiler breeders**. Veterinary. Records 123, 2001, p. 350-351.

NETO, C.C; ASSAFF FILHO,J.M, NUNES,L.A. **Biossegurança - Roedores**. Disponível  
no<[http://www.aviculturaindustrial.com.br/site/dinamica.asp?id=1586&tipo\\_tabela=cet&categoria=manejo](http://www.aviculturaindustrial.com.br/site/dinamica.asp?id=1586&tipo_tabela=cet&categoria=manejo)> Acessado em 05 de outubro de 2005.

WOERNLE, H. **Enfermidade del lãs aves**, Zaragoza, Acríbia, 1996, p. 89.